

Forró De Duplo Sentido: Só Uma Música Ou Expressão De Uma Visão Desrespeitosa Contra A Mulher?

Severino Alves de Lucena¹

Vanessa Maria Santiago da Silva²

Aline de Oliveira Bonfim³

RESUMO

Analisaremos, sob um ponto de vista sociolinguístico, um estilo de música, o forró, especificamente os de duplo sentido, que normalmente fazem alusão à sexualidade feminina. Avaliando as conquistas femininas rumo à igualdade social, este trabalho observará como se articula a linguagem e o pensamento depreciativo dessas músicas que ignoram e ameaçam tais conquistas. Buscamos compreender especificamente como objeto de pesquisa, determinados itens do forró eletrônico, por meio dos indivíduos que são o seu motivo de popularidade – os/as ouvintes. Uma vez, que esse estilo musical é um fato acentuado no desenvolvimento de identidades e é escutado independente da classe social e nível de escolaridade.

O estudo é obra de uma averiguação qualitativa, que em seu desenvolver ocorreu uma observação indireta através da técnica da análise documental, como também, as consultas às letras das músicas de forró eletrônico. E para uma melhor compreensão do conceito de folkcomunicação utilizamos uma abordagem baseada nas ideias de Beltrão, Hohfeldt e Maciel.

PALAVRAS-CHAVES

Forró eletrônico, Folkcomunicação, Cultura e Sexo feminino.

¹ Pós-doutor pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aviero-Portugal, professor associado da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) da UFRPE. E-mail: recifefrevo@uol.com.br

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, cientista social e membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Direitos, Cidadania e Mudanças Sociais (COMUDI). E-mail: vanessamariasantiago@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, cientista social e membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Direitos, Cidadania e Mudanças Sociais (COMUDI). E-mail: alineob@yahoo.com.br

Colaboradora: Eliane Maria Araújo da Silva. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) pela UFRPE; cientista social.

Colaboradora: Juliana Freire Bezerra. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) pela UFRPE; jornalista.

Colaboradora: Maria do Carmo Amorim. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) pela UFRPE; tecnóloga em Agroecologia.

Forró with Double Sense: Just a Music Or an Expression of a Disrespectful Vision Against the Women?

ABSTRACT

Analyzed under a sociolinguistic point of view, a style of music, the dance, specifically the double meaning, which usually refers to female sexuality. We also assessed women's achievements towards social equality. This paper articulates watched as derogatory language and thought of those songs that ignore and threaten such achievements. We seek to understand specifically as a research object, certain items of electronic forró musical style is a marked fact in the development of identities and is independent heard of social class and educational level.

The study is the work of a qualitative investigation, which took place in their developing an indirect observation through technical document analysis, as well, consultations with letters of electronic forró music. And for a better understanding of the concept of folk communication we use an approach based on Beltrão ideas, Hohfeldt and Maciel.

KEYWORDS

Electronic Forró; Folk communication; Culture and Gender female

Introdução

As letras do gênero de forró eletrônico negociam significados, abusando do uso de duplo sentido, da sexualidade e de estereótipos, que são retratados cotidianamente nestas músicas, tocadas em diferentes ambientes e veículos. A música com sua linguagem, estilos e formas de apresentação ao público carrega inúmeros sentidos negociados entre indivíduos, efetivos e presentes na formação das identidades coletivas e individuais, enquanto seja compartilhada como elemento cultural e artístico dentro do grupo contribuindo para formação da identidade deste. É um produto artístico e que se transmite dos ouvidos aos corpos, como é o caso do ritmo nas músicas. A música atua como um fator corporal, e pelo fato dela estar atrelada a estados de ânimo, ela cativa, impressiona e movimenta.

Tais observações induziu-nos a desenvolver uma investigação que aponte as ideias dos discursos das músicas de forró eletrônico, na formação da imagem da mulher pernambucana.

Tomando este como nosso objeto de estudo. Uma vez que quando ouvimos uma música, observamos todas as considerações advindas dela que atribuem significados a lugares, pessoas e formas de agir. Uma vez que tais músicas podem desempenhar o papel de influenciar ou não a formação da identidade cultural dos indivíduos.

É através das manifestações culturais que entendemos a cultura local e a influência que essa última é capaz de exercer na sociedade expressando, assim, seus sentimentos, gostos e valores, e é nessa conjuntura que aflora a folkcomunicação, pois segundo Beltrão (2004) “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2004, p. 55). Buscamos, assim, discutir a problemática posta através de enfoque sociológico na tentativa de revelarmos vários aspectos de nossa realidade, como a circulação dessas músicas, o que tais músicas estimulam, formam e informam através dos ritmos contagiantes e quais comportamentos, valores e questões de gênero causam nas mulheres.

O caminho metodológico

Nessa pesquisa não buscou-se informar quem está correto ou incorreto, mas sim, tentar compreender basicamente determinados aspectos do forró eletrônico, através dos indivíduos que são a sua razão de popularidade – os/as ouvintes. Uma vez, que esse estilo musical é um fenômeno marcante na formação de identidades e é ouvido independente da classe social e nível de escolaridade.

O presente trabalho é fruto de uma investigação qualitativa, que segundo Chizzotti (1998):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam suas ações. (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

E justamente por esse motivo escolhemos uma proposta de metodologia em que foi tecido artesanalmente a habilidade e capacidade de observação e investigação. No desenrolar da pesquisa aconteceu uma observação indireta através da técnica da análise documental, através de consulta às letras das músicas de forró eletrônico.

Segundo pesquisa da Revista Época intitulada *A revolução do forró*, em 1990 já existiam duzentas bandas de forró profissionais apenas no Ceará⁴. Já em 2011 segundo o blog bafafá do forró, já eram quase quatrocentas as bandas de forró naquele Estado⁵. Numa reportagem feita pelo Diário do Nordeste explicitava-se uma estimativa de pelo menos três mil e quinhentas bandas somente no Nordeste⁶. Deste modo como escolher três bandas diante de tantas possibilidades? Foram observadas as bandas que estavam em maior evidência na mídia (participação em programas de TV, aparição em campanhas publicitárias, páginas em Facebook, sites atualizados, músicas sempre “estouradas” nas rádios, anúncios de shows frequentes, reportagens em jornais impressos, quantidade de acessos aos vídeos no Youtube), como também, vendagem de CDs e DVDs. Ouvimos 20 (vinte) músicas de forró eletrônico em álbuns diversos de cada um dos grupos, Aviões do Forró, Garota Safada e Calcinha Preta. Dessas usamos na pesquisa, seja empregando trechos ou analisando toda a música, visando assim, identificar questões de gênero, sexualidade e estereótipos.

Mulher: um momento histórico

Este trabalho se propõe a analisar a imagem das mulheres pernambucanas, um apanhado das suas lutas, conquistas, da trajetória da sexualidade, do corpo feminino abordando principalmente na desvalorização da mulher na música, enfocando especificamente as letras de forró eletrônico ou de duplo sentido.

Nos tempos do Brasil Colônia, a mulher sofria uma severa e constante vigilância da família, mas principalmente pela igreja. A forte pressão dessa instituição, era baseada no discurso da superioridade do homem.

⁴ Cf. <http://epoca.globo.com/edic/19990405/cult1.htm>. [Acesso em 13/03/13]

⁵ Cf. <http://bafafadoforro.blogspot.com.br/2011/03/o-ceara-tem-mais-de-400-bandas-de-forro.html>. [Acesso em 13/03/13]

⁶ Cf. <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=306071>. [Acesso em 13/03/13]

A figura de Deus era representada no lar pelo macho (marido, pai, irmão), e a mulher a essência de Eva, a imagem de imperfeição feminina, atribuída a ela por ter cedido à sedução da serpente. Era indiscutível e irremediável o discurso da Igreja. Também era fato que, nem todas as mulheres inseriam-se nessa posição de discurso dominante da época, algumas delas já nos séculos XVIII e XIX transgrediram algumas leis. E assim se colocaram em outras posições, as quais muitas vezes, produziram consequências terríveis.

Mas, no início do século XX pela primeira vez uma mulher nordestina concorreu à Academia Brasileira de Letras, é Amélia de Freitas. E depois dela, muitas outras como: Raquel de Queiros e Dionísia Gonçalves Pinto. Pois é nesta época que surgem inúmeros movimentos de libertação das mulheres. Que se iniciam e ganham força os discursos da feminilidade e do feminismo.

Gradativamente, as mulheres foram adquirindo e ocupando espaço na sociedade e libertando-se de uma condição servil, onde eram julgadas como “rainhas do lar”, “objetos de forno e fogão”, e “cama, mesa e banho”, e conquistaram posições igualitárias na sociedade.

As entrelinhas de uma cultura

Podemos entender que o ser humano é um ser cultural capaz de produzir e modificar tecnologias, economias, crenças e organizações políticas. A cultura vive em constante movimento, seja através de alguns pontos marcados pelos conflitos sociais, seja pela apropriação e modificação do espaço natural. E muitas vezes assinalada por todos esses fatores aglutinados. É importante lembrar que para discutirmos cultura, temos que ter em mente a humanidade com toda a sua riqueza e variáveis formas de viver além da capacidade de modificar o meio que habita. Desse modo compreendemos que todo o processo de transformação que é produzido pelo ser humano é cultura, como explica Melucci (1996):

A tarefa não é somente da ordem da dominação da natureza e da transformação de matéria-prima em mercadoria, mas sim do desenvolvimento da capacidade reflexiva do eu de produzir informação, comunicação, sociabilidade, com um aumento progressivo na intervenção do sistema na sua própria ação e na maneira de percebê-la e representá-la. Podemos mesmo falar de produção da reprodução. (MELUCCI, 1996, p. 5).

É importante lembrar continuamente que é preciso atentar para as várias condições de vida de cada indivíduo, uma vez que cada povo ou grupo social possui as suas diferentes formas de pensar e agir, cada qual utilizando de suas criatividade e dinamismos. Conforme Santos (1987):

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, que devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultados de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. (SANTOS, 1987, p. 8).

Assim podemos entender que cultura depende das relações internas de cada grupo e das práticas de uma sociedade, incluindo costumes, a fala, os hábitos, as crenças e o momento onde as mudanças dos fatos acontecem. Uma vez que cultura depende do ponto de vista da pessoa que está vivenciando aquele determinado fato. Uma cultura de massa, na qual a sociedade e a comunicação também se mostram como produzidos e dirigidos às massas, ou seja, a noção de massa remete tanto ao conjunto da população, como ao seu componente popular. Conforme podemos observar nas palavras de Oliveira (2007):

[...] a partir da consolidação da Indústria Cultural, o que ocorreu não foi a produção de uma cultura popular, mas o fortalecimento da produção de uma cultura industrializada voltada para um mercado de consumo com a apropriação de elementos das culturas populares. (OLIVEIRA, 2007, p. 29).

Uma vez que a indústria cultural se apropriou do forró, uma manifestação da cultura popular, a partir do gênero forró eletrônico e a transformou num produto mercantilizado, massificado. Ou seja, desenraizado de lugares, tradições e costumes.

As várias facetas do forró

O forró é especialmente popular nas cidades de Caruaru - PE e Campina Grande - PB, onde é símbolo da festa de São João. O estilo musical é um conjunto de estilos relacionados, e não um único. Entre vários ritmos diferentes que são comumente identificados como forró, destaca-se o Baião, o Coco, o Rojão, a Quadrilha, o Xaxado e o Xote. Ritmos que na sua origem retratavam a peleja nordestina.

Independente da origem, a palavra forró remete-nos a um baile com um grande ritmo musical. E esse baile em questão é um manifesto popular e tipicamente nordestino, com suas características assim como o ritmo e depois os componentes, a sanfona, o triângulo e a zabumba. Então observando toda uma variação de arranjos, melodias e aparatos midiáticos, e também a modificação apresentada pelo forró no caminho do seu curso histórico é comum dividi-lo em três estilos conforme afirma Silva (2003): forró tradicional (ou forró pé de serra), forró universitário e o forró eletrônico.

O forró tradicional foi introduzido e associado à figura de Luiz Gonzaga, que trouxe as músicas exibidas através de um trio, que tem como instrumentos básicos a sanfona com o sanfoneiro que geralmente também exerce a função de cantor, o triângulo e a zabumba. Ele foi o porta voz desse estilo e chamado por muitos de “mestre lua e rei do baião”, mostrou e cantou o sertão nordestino nas grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo. Como mostra-nos Silva (2003):

Para alcançar o sucesso, Luiz Gonzaga sabiamente planejou e utilizou estratégias de marketing com o objetivo de consolidar o gênero e incrementar a vendagem de produtos, como shows e discos. Luiz Gonzaga é considerado um ícone do forró, por ser um dos principais artistas consagrados do gênero, apresentar uma obra marcante e de qualidade incontestável e possuir uma biografia repleta de fatos interessantes (SILVA, 2003, p.71).

Assim fica claro a grande importância de associar o forró tradicional, também conhecido como forró pé de serra a Luiz Gonzaga, devido a sua grande capacidade de produtor cultural e divulgador da cultura nordestina.

Já o forró universitário ou pé de serra é aquele que mais se aproxima do estilo de Luiz Gonzaga, é em geral tocado por um trio composto por jovens e tocado por eles, para um

público urbano. Surgiu em meados dos anos de mil novecentos e setenta até mil novecentos e noventa provém da união de vários ritmos como reggae, pop e rock. Constrói-se dessa forma uma fusão da música regional nordestina com a linguagem da música popular urbana. Conforme reconhece Silva (2003) o novo estilo do forró ganhou adeptos e apreciadores, principalmente, das classes média e alta, ou seja, muitos universitários, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e outras capitais do Nordeste. Atualmente, é reconhecido pela indústria cultural como forte produto comercial e gerador de sucesso. Geralmente, os artistas frequentam os programas de televisão de cunho nacional e tem forte presença no rádio.

E por fim, o forró eletrônico, também chamado de forró elétrico ou forró de duplo sentido, que é contemporâneo da segunda fase do forró universitário, surgiu em meados de mil novecentos e noventa. O forró eletrônico é o que mais se utiliza de elementos midiáticos para a sua propagação. De acordo com Quadros Júnior (2005) o forró eletrônico mostra uma linguagem estilizada e um visual chamativo, com grande destaque para os instrumentos eletrônicos (guitarra, metais, baixo e principalmente o órgão eletrônico, o qual substituiria a sanfona).

Esse estilo engloba um ritmo acelerado, efeitos especiais de iluminação e brilho, além de vários figurinos para as bailarinas. É um gênero musical que apesar da musicalidade e sonoridade, também observamos como um espetáculo visual. Segundo Chianca (2006) do ponto de vista cenográfico, o forró elétrico é espetacular, pois é cantado em grandes espaços para um público de milhares de pessoas, envolvendo muita iluminação e presença de dançarinos desenvolvendo coreografias de forró no palco inspiradas em danças como a salsa e a lambada.

Leituras do forró eletrônico: novinhas ou com cara de santa? / a gata endoidou? / ou será uma gostosa?

Com quantas músicas se produz uma mulher e o seu corpo? Talvez em todo um palco musical nacional, nunca nos aproximamos tanto de uma resposta, quanto nos últimos anos, com o surgimento do forró eletrônico. Uma vez que esse estilo musical nos traz todo um

aparato, que nos faz parar e pensar no que seriam todas as atribuições indicadas ao sexo feminino. Uma vez que as letras dessas músicas tentam nos mostrar classificações, abordagens, nomeações e salientar partes do corpo para diferentes tipos de mulheres.

A mulher no forró eletrônico recebe várias adjetivações como: safadinha, gata, novinha, gostosa passando a ser o próprio sinônimo da palavra mulher. Podemos observar isso nas letras quando, gradativamente, as mulheres foram adquirindo e ocupando espaço na sociedade e libertando-se de uma condição servil, onde eram julgadas como “rainhas do lar”, “objetos de forno e fogão”, e “cama, mesa e banho”, e conquistaram posições igualitárias na sociedade.

Atualmente, as letras das músicas desse gênero de forró mostram sentidos de conotação sexual fortes contra a figura feminina. Tornando as suas composições pesadas, em letras impregnadas de adjetivos para se referir ao sexo feminino, todas representadas pejorativamente como seres humanos. A mulher, que até hoje luta para ser tratada com respeito, acabou contando com representantes femininos, atendendo por raparigas, cachorras, mulher tarada e coelhinhos. Todos os modismos que enfrentamos tiveram suas especificidades, mas nunca nenhum conseguiu ser tão completo em representações.

Atualmente, os duplos sentidos das letras das músicas de forró eletrônico têm conotação sexual depreciativa contra a mulher. Algumas bandas de forró dos anos 90 e 2000 utilizam à lógica maliciosa do forró de duplo sentido. Tornando as suas composições discriminatórias, em letras impregnadas de adjetivos pejorativos para se referir à imagem da mulher.

Nunca a sociedade enfrentou algo tão ruim de tantos pontos de vista diferentes: pobreza melódica, rítmica, letras de gosto duvidoso, e uma ainda, maior desvalorização da mulher. Conseguindo superar no apelo sexual até o gênero musical “Bunda music”!!!. Em meio aos participantes da festa bombada e estourada, quais desses se sairiam/sentiriam bem, diante dessas músicas? Conformidade, gosto, moda, safadeza, desrespeito, pornografia, vulgaridade, alcoolismo e indignação. Com temas que relatam atos sexuais, chamam a mulher de cachorra, insinuam prostituição, falam palavrões, são esses alguns dos temas descritos.

Observemos na “letra” desse forró uma imagem feminina vulgar. A música descreve uma mulher em busca de sexo sem compromisso, um mero “pedaço de carne” diante de um

“açougueiro”. Nota-se nas entrelinhas a intenção masculina de justificar seu comportamento vulgar, depreciador e grosseiro como uma resposta inevitável aos impulsos femininos.

Com base em quais fundamentos estimulam a composição de comportamentos e questões de gênero quando se ouve “Hoje a mulherada fica por minha conta, só vai rolar gatinha, mulher que bota ponta”, “A gata endoidou e deu uma empinadinha em mim”, “Hoje eu durmo lá pra cima, na casa das primas, whisky do bom e mulher bonita, uma do lado e a outra por riba”, “Um sinal disfarçado com jeito, gostoso de olhar vai no banheiro, pra gente se beijar bem lá no escurinho pra ninguém desconfiar, cara de santa, mas não me engana não, é hoje que te pego você não me escapa não” e “Vem com peito, vem com peito, as novinhas que não tem peito por favor não desiluda, se você não tem peito agora vire e vem com a bunda”. Observaremos o que foi explicitado acima, nas músicas a seguir.

Na música **Segunda opção** cantada por um homem, para uma mulher, trata-se a figura feminina como comida, bebida e ao mesmo tempo a despreza. Porque a mulher em questão o traiu e o abandonou. Porque enquanto que as ações do homem são justificadas, por sua natureza masculina, a ação feminina é de caráter amoral e criminoso: Se você quiser voltar é pra ser minha diversão / Minha bebida, Meu lanche, Minha segunda opção / Quer prioridade, Exclusividade/ Tá de sacanagem? Podemos observar julgamentos a respeito do comportamento de uma pessoa, no momento em que os discursos nas letras do forró eletrônico não sentem nenhuma necessidade de identificar e/ou classificar/ nomear “o homem”.

Na música **Mulher tarada**, a primeira parte da música é cantada por um homem quando ele diz: *Só gosto de mulher quente /de preferência safada que usa calcinha preta /na bunda toda enfiada*. O que podemos entender é que mulher é como um termômetro e que toda mulher para ser quente tem que usar calcinha preta e fio dental. Esses conceitos de mulher quente são perigosos para a formação dos adolescentes, em processo de formação de identidade. Na segunda parte, cantada por uma mulher que se afirma como a mulher que o homem procurava, ou seja, a mulher quente, onde ela canta no refrão que: *gosto de ser paquerada / vou tirar minha calcinha / porque hoje estou tarada*.

No entanto é importante atentarmos que o forró eletrônico não é o único criador de tais significações a mulheres. Ele simplesmente auxilia a sua reprodução seja em menor ou maior grau. Conforme Lima e Freire (2010), o forró eletrônico:

Apropria-se de características e estereótipos femininos pertencentes à cultura nordestina e dá a elas uma nova roupagem, com o aproveitamento de signos e criações de novos, que explicitam conduta e representação, não publicando a fala feminina, ou seja, em como a mulher se vê e se percebe nesse cenário, cuja, temática é geralmente ela, com forte apelo erótico. (LIMA E FREIRE, 2010, p. 10).

Segundo Norberto Bobbio: “A revolução da mulher foi a mais importante revolução do século XX⁷, mas é importante lembrar que não se trata aqui da chamada revolução feminista e sim de respeito e dignidade para com a figura feminina.

A mulher antes de tudo é uma figura, inserida na sociedade, capaz de realizar qualquer tarefa a ela dirigida. O que se deve existir é a conscientização de uma parcela da população, pois eles não conseguem enxergar o que há por trás das letras, que pregam a desvalorização da mulher brasileira e, além disso, a animalização do ser humano.

Já na música ***Vem com peito***, o cantor fala para as mulheres. A figura feminina se resume apenas a partes do corpo humano é o verdadeiro endereçamento do forró eletrônico, o corpo feminino, somente peito e bunda. Uma vez que incentivam os/as ouvintes e dançarinas a tomarem posições a partir das próprias letras cheias de adjetivos para o corpo. Como canta o refrão: *Vem com peito, vem com peito vem com peito, vem com peito... / As novinhas que não tem peito, por favor, não desiluda, Se você não tem peito agora vire e vem com a bunda / Vem com a bunda, vem com a bunda, vem com a bunda.*

Segundo Gabriel Perissé, na “Idade da mídia”, “onde As trevas da Idade Mídia são as trevas do nosso vazio comunicativo. Fala-se muito e diz-se pouco. Transmite-se muito e orienta-se pouco. Informa-se muito e ensina-se pouco.”⁸ É incontestável o processo de formação ou deformação das pessoas. O excesso de informações e imagens, em tempo real, vem afetando a vida e a cultura das pessoas, provocando o que se chama de

⁷ Cf. Artigo: **A significação da imagem da mulher no discurso publicitário**. Autora: Leolti, Maria José; Doutora em lingüística pela UFPE e professora no curso de letras do UNICEUB-DF.

⁸ Gabriel Perissé Mestre em Literatura Brasileira pela USP; professor universitário. Artigo: **As trevas da Idade da Mídia**; Disponível em: www.kplus.cosmo.com.br/materia. Acesso em: 01/06/2014.

“descentramento” dos indivíduos. A população passa a ter dimensão dos fatos e do mundo, sem sair de dentro de casa.

Deslizando no salão da folkcomunicação

A folkcomunicação um viés da comunicação é derivado de estudos que são provenientes do folclore brasileiro, uma vez que é entendido como um sistema de comunicação popular. Segundo Beltrão (2001) uma parcela significativa da população, utilizando seus ‘catimbós’, permanecia alheia às mensagens jornalísticas destinadas a grande massa, preservando a cultura popular. Essa construção iniciou-se através da concepção de Beltrão, quando percebeu-se que alguns grupos não eram atendidos com os conteúdos dos jornais e rádios. Entendemos então, que por essa razão não existia uma comunicação de massa efetiva. E então percebemos que os processos de comunicação de massa e também os atos desenvolvidos pelas culturas populares associado ao jornalismo e os procedimentos da comunicação aliados ao popular é então Folkcomunicação.

Concordamos com Maciel (2007) quando afirma-se que a folkcomunicação como um instrumento de mediação popular em que comunicação de massa funda-se no pressuposto de que é possível transmitir uma mesma mensagem para uma quantidade tão ampla quanto possível de receptores heterogêneos e dispersos geograficamente. Observamos então a crescente apropriação dos meios culturais por instituições privadas e públicas com objetivos mercadológicos.

O caminho para uma sociedade mais justa e igualitária precisa ser reavaliado, pois as mensagens produzidas pelas mídias são impregnadas de estereótipos preconceituosos. Como exemplo, podemos citar a constante exposição do nu, como objeto de consumo e desejo, linguagem sexista e letras abusivas à imagem feminina.

Tomando como ponto de partida a ideia de cultura como expressão e demonstração de significados, o forró eletrônico nada mais é do que uma forma de comunicação de um determinado grupo, em uma determinada época e que evidencia um habitus social diferenciado, a partir do whisky caro e da ice sendo consumindo em detrimento da cachaça, dos carros rebaixados, tunados e equipados com paredões e do “cordão de ouro e do perfume francês”. O forró de duplo sentido, também chamado de forró safado, é um subgênero

musical variante do forró no qual, as letras das músicas, exploram mais de um sentido para uma palavra ou conjunto de palavras.

Uma vez que é por meio do folkcomunicação que as empresas identificam-se com os seus públicos falando a mesma linguagem e mostrando as imagens que eles querem escutar e ver. E corroborando sobre esses temas contamos com o auxílio de um dos princípios da Folkcomunicação, onde compreende-se, conforme podemos observar nas palavras de Hohfeldt (2008):

O estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. (HOHFELDT, 2008, p. 82).

Então com o alargamento das inovações tecnológicas e com a ampliação socioeconômica surgem novos espaços para a cultura popular, que segundo os princípios da Folkcomunicação, desenvolve-se uma valorização das culturas populares regionais e locais. Vista a partir da institucionalidade a comunicação se converte em questão de meios. Então podemos entender que a comunicação e o conviver requerem fala, não interessando raça, classe social ou cultura. Isso permite que o ser humano dialogue com os demais e realize o ato da comunicação.

Considerações finais

O forró eletrônico é veiculado tanto nas rádios, quanto nas TVs, e assim, chega ao conhecimento dos indivíduos com uma certa facilidade, e é utilizado como um dos elementos da expressão cultural e para o desenvolvimento das identidades dos grupos sociais.

Estamos diante de uma situação que exige uma atitude urgente. Para que não continuemos sendo obrigados/as a ouvir músicas que insistentemente apresentam a mulher como objeto passível de qualquer desejo masculino, inclusive a violência. Pois, o que falar dessas músicas de duplo sentido, denominadas também de forró eletrônico, que pregam a violência contra a mulher. Que se refere à figura feminina como um objeto que “se consome as porções”.

A própria mulher por vezes não toma consciência da condição que ocupa na sociedade. E é incoerente que após tantos tabus serem derrubados, algumas encarem com naturalidade e lisonja o desrespeito, na forma com que são descritas e tratadas nestas músicas.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Coleção Comunicação, v.12. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 74.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: Editora da UFRN, 2006, p. 139.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2ª ed – São Paulo, Cortez, 1998, p. 77, 78 e 79.

DEL PRIORE, Mary: Organização de textos; Bassanezi, Carla: Coordenação de textos. **História das mulheres no Brasil**, São Paulo, UNESP, 2004.

HOHLFELDT, Antônio. Contribuição aos Estudos acadêmicos da folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, J.; TRIGUEIRO, O. M.. (orgs). **Luiz Beltrão**: Pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; Intercom 2008, p.77.

LEAL, Aluisio ; produção, **O “J” é “Ji” e o “L” é “Lê”** [gravação de vídeo] /diretor, Aluisio Leal; produção Orientação: Mônica Silveira; UNICAP; 1 fita de vídeo (19 min.): NTSC, VHS, som, color.

LEOLTI, Maria José. **A significação da imagem da mulher no discurso publicitário**. Recife: UFPE, 2005.

LIMA, Maria Érica de Oliveira; FREIRE, Libny Silva. Os discursos no forró eletrônico: comportamento masculino x feminino. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 2, 2010.

MACIEL, Betania. O papel da folkcomunicação na construção do desenvolvimento regional. In: **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 29 ago.-2 set.2007. São Paulo: INTERCOM, 2007.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais** - Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, Tradução de Angelina Teixeira Peralva.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta sonora: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

PERISSÉ, Gabriel Mestre em Literatura Brasileira pela USP; professor universitário.
Artigo: **As trevas da Idade da Mídia**. Disponível em www.kplus.cosmo.com.br/materia. Acesso em: 01/06/2014.

QUADROS JUNIOR, Antonio Carlos de; VOLP, Catia Mary. **Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro**. Motriz, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 127-130, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura - Coleção Primeiros Passos**. Brasiliense, 1987.

SILVA, Leandro. **Forró no asfalto: mercado e identidade sociocultural**. São Paulo: Annablume, 2003.

ANEXOS

Banda Aviões do Forró:

Vem com peito

Fonte: <http://letras.mus.br/avioes-do-forro/vem-com-peito/>. [Acesso em 05/06/14].

Tchú tchá tchá Tchú tugudogudá tungudú
Tchá tchá tugudogudá tungudú
Tchá tchá tugudogudá tungudú
Thá tchá tugudogudá tungudú
Tchá tchá tugudogudá tungudú... (BIS)
Vem com peito vem com peito vem com peito vem com peito
Vem com peito vem com peito vem com peito vem com peito... (BIS)
As novinhas que não tem peito por favor não desiluda
Se vice não tem peito agora vire e vem com a bunda
Vem com a bunda vem com a bunda vem com a bunda vem com a bunda
Vem com a bunda vem com a bunda vem com a bunda vem com bunda... (BIS)
Vem com peito vem com peito vem com peito vem com peito
Vem com peito vem com peito vem com peito vem com peito...(BIS)
Vem com a bunda vem com a bunda vem com a bunda vem com a bunda
Vem com a bunda vem com a bunda vem com a bunda vem com bunda...(BIS)
Tchá tchá tugudogudá tungudú
Tchá tchá tugudogudá tungudú

Thá tchá tugudogudá tungudú
Tchá tchá tugudogudá tungudú... (BIS)

Banda Calcinha Preta:

Mulher Tarada

Fonte: <http://multishow.globo.com/musica/calcinha-preta/mulher-tarada/>. [Acesso em 05/06/14]

Só gosto de mulher quente de preferência safada
que usa calcinha preta na bunda toda enfiada (bis mais 1 vez)
Sou a mulher, a que você procurava eu gosto de dar carinho, gosto de ser conquistada, gosto de
beijar na boca, gosto de ser paquerada vou tirar minha calcinha porque hoje estou tarada!

Banda Garota Safada:

Segunda Opção

Fonte: <http://letras.mus.br/garota-safada/segunda-opcao/>. [Acesso em 05/06/14].

Se você quiser voltar é pra ser minha diversão,
Minha bebida,
Meu lanche,
Minha segunda opção.
Eu te dei amor,
Foi só teu o meu coração
Mais você voou
Deixou minha vida sem chão.
Voou, voou
Abandonou o nosso ninho
Foi se aventurar.
Voou, voou
Pousando de galho-em-galho
Agora quer voltar.
Quer prioridade,
Exclusividade,
Tá de sacanagem?
Se você quiser voltar é pra ser minha diversão
Minha bebida,
Meu lanche,
Minha segunda opção.